



ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DO MELANOMA MALIGNO DA PELE NO BRASIL: UM PANORAMA DOS ÚLTIMOS 5 ANOS

ISABELA FRANCO FREIRE; MANUELA CAVALCANTE COLING LIMA; MARIA CLARA APOLÔNIO PINHEIRO; DARA MARIA DE SÁ BONFIM; RAFAEL LIMA VERDE OSTERNE

INTRODUÇÃO: O melanoma maligno de pele é uma neoplasia ocasionada pela exposição à radiação ultravioleta, sendo o diagnóstico precoce determinante para o êxito terapêutico. Nesse contexto, deve-se reconhecer os indivíduos mais acometidos pela doença, traçando um perfil epidemiológico que correlacione seus índices de prevalência. **OBJETIVO:** Analisar a epidemiologia do melanoma maligno no Brasil, buscando correlações para a conjuntura desse tipo de câncer. **METODOLOGIA:** Estudo epidemiológico de prevalência que utilizou o banco de dados do Sistema de Informação em Saúde (TABNET), disponibilizado pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Coletou-se informações considerando faixa etária, sexo, estadiamento do câncer, ano do diagnóstico e “UF do diagnóstico”. O período vai do ano de 2018 a agosto de 2022. As informações foram analisadas quantitativamente no software “Microsoft Excel”. Utilizou-se dados secundários de domínio público, dispensando aprovação em comitês de ética, embora os preceitos tenham sido preservados. **RESULTADOS:** Registrou-se 21.508 casos, dos quais 51% eram do sexo feminino. A região Sul apresentou a maior parte dos casos, 41,2%, seguida pelo Sudeste, 38,2%, Nordeste, 13,3%, Centro-Oeste, 5,4% e Norte, 1,9%. Verificou-se maior acometimento nas faixas etárias de 60 a 69 anos, 25,3%, 70 a 79 anos, 21% e 50 a 59 anos, 20%. Constatou-se aumento no número de diagnósticos de 2018 para 2019, evoluindo de 17,1% para 27,1%, o qual representou o maior percentual desse período. Posteriormente, houve queda nos anos subsequentes: 2020, com 23%, 2021, com 22,4% e 2022, com 10,3%. Pode-se atribuir o fato à pandemia de COVID-19 e suas implicações para o sistema de saúde. Quanto ao estadiamento, 44,2% foi “ignorado”, 37,6% “não se aplica” e, dentre os que foram identificados, houve predominância do estágio 4, representando 11,4%, estágio 3 com 3,9%, estágio 2 com 1,1%, estágio 0 com 1,1% e estágio 1 com 0,8%; denotando expressiva quantidade de casos sem informação de tratamento e maior prevalência de diagnósticos tardios. **CONCLUSÃO:** Percebe-se o impacto da pandemia de COVID-19 no diagnóstico de melanoma, além de ser traçado o perfil de paciente mais acometido pela doença, o que auxilia em políticas de prevenção.

Palavras-chave: Melanoma, Oncologia, Dermatooncologia, Epidemiologia, Pandemia.